

NOVAS CANÇÕES POPULARES

A Secca do Ceará

(1878)

Minha patria ! Lar querido. . .
Qu'immensa desolação !
Cae-me o pranto dolorido
No luto do coração ;
Que a minha terra adorada,
Por fera sêcca assolada,
Ora vejo amortalhada
N'amargura, n'afflicção !

Meu Deus ! . . que scenas d'horror !
Misericordia, oh Senhor !

Das selvas onde a verdura,
Onde os prados do sertão ?
A vertente d'agua pura
Que banhava a viração ? . .
Eis tudo sêcco mirrado !
Nem mais selva, nem mais prados
Sobre o solo requeimado
Por sol d'infando verão !

Meu Deus ! . . que scenas d'horror !
Misericordia, oh Senhor !

E sobem vistas cansadas
S'imbebem no céu sem fim,
As chuvas, sempre esperadas,
Procuram. . . supplicam, sim !
Mas, voltam do firmamento,
Só trazendo o desalento. . .
Que as nuvens varrêra o vento,
Varrendo a esperança assim !

Meu Deus ! . . que scenas d'horror !
Misericordia, oh, Senhor !

O gado que nédio outr'ora
Urrava escarvando o pó. . .
E' múmia que geme e chora. . .
Nos ossos a pelle só !
De sede e fome expirando,
Penoso a vista espraçando. . .
Vai a campina lastrando. . .
Em vão de seu dono o dó !

Meu Deus ! . . que scenas d'horror !
Mizericordia, oh, Senhor !

Soluçã o triste vaqueiro
Vendo o corcel se finar,
Das lides o companheiro,
Ginête do campear ;
Depois o curral fechando,
São a pé, são esmolando. . .
Pois, o gado se acabando,
Mais não tem que vaquejar !

Meu Deus ! . . que scenas d'horror !
Mizericordia, oh, Senhor !

A lavoura desaparece,
Como foge a criação;
Já o abastado empobrece,
O pobre supplica o pão;
E todos nivéla a sorte. . .
Vem a peste, surge a morte,
Ninguém se julga mais forte. . .
E' tudo—consternação!

Meu Deus! . . que scenas d'horror!
Mizericordia, oh, Senhor!

Os sertanejos descendo
Em bandos ao litoral. . .
Sem mantimentos. . . comendo,
Bravía raiz lethal. . .
Ai, choram. . . São retirantes. . .
Andrajosos, mendigantes. . .
Esparsos. . . agonisantes. . .
Perdendo o sopro vital!

Meu Deus! . . que scenas d'horror!
Mizericordia, oh, Senhor!

Transforma-se em necroterio
O meu amado torrão;
Da morte no vasto imperio
Só reina a—putrefacção!
Os corpos sem sepultura. . .
Ao tempo. . . sem compostura. . .
Do bruto, da criatura
Os restos em confusão!

Meu Deus! . . que scenas d'horror!
Mizericordia, oh, Senhor!

Negreja o feral recinto
Nuvens de vis urubús. . .
Coveiro immundo e faminto,
Qu'apenas deixa ossos nús ;
E quando baixa o relento,
Eis o mórcêgo cedento
A sugar minguado alento
Dos moribundos. . . Jesus !

Meu Deus ! . . que scenas d'horror !
Mizericordia, oh, Senhor !

Aqui loucos, esfaimados,
Cruéis filhos, cruéis paes !
Entre os seres desalmados,
Virtudes celesteaes ! . .
A mãe que delira e freme,
Se o filho com fome geme,
Porque seus peitos espreme . . .
E os peitos não vertem mais !

Meu Deus ! . . que scenas d'horror !
Mizericordia, oh, Senhor !

Alli vê-se radiando
Os affectos filiaes. . .
Fracos entes carregando
Os seus amigos leaes !
E da casa no terreiro
Uivando o fiel rafeiro. . .
N'outra parte, o bandoleiro
Devora restos mortaes !

Meu Deus ! . . que scenas d'horror !
Mizericordia, oh, Senhor !

E alem. . . o casal deserto !
Que a familia abandonou. . .

Velho pai de passo incerto
E em breve á campa baixou ;
Após a consorte. . . o filho. . .
Qu'importa do moço o brilho ?
Tudo cahiu sob o trilho,
Que o infortunio rojou !

Meu Deus ! . . que scenas d'horror !
Misericordia, oh, Senhor !

Magros sobejos da morte,
Buscando á morte escapar,
Emigram p'ra o sul e norte. . .
Eil-os na praia a embarcar !
Oh, quadros tristes, penosos ! . .
O desterro. . . os ais saudosos. . .
Que trances angustiosos. . .
No barco. . . á prôa. . . no mar ! . .

Meu Deus ! . . que scenas d'horror !
Misericordia, oh Senhor !

Revogai tamanha pena. . .
Clemencia, Senhor, perdão !
Se a culpa não foi pequena,
Grande ha sido a expiação !
Em ruinas sepultada,
Eis minha patria adorada. . .
Escutai a malfadada
Que vos pede compaixão !

Não mais, não mais tanto horror !
Misericordia, oh Senhor !

Juvenal Galeno.